

# Genocídio e pandemia: uma análise discursiva sobre a produção e efeitos de sentidos

Gabriela Gonçalves Ribeiro\*

## Resumo

O presente artigo se dispõe a investigar os efeitos e a produção de sentidos no par de verbetes “genocídio” e “pandemia”, retirado do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, buscando entender como esses verbetes estão postos em outros instrumentos linguísticos. Para tanto, mobilizaremos o aparato teórico e metodológico da Análise de Discurso de linha francesa em suas relações com a História das Ideias Linguísticas. O par de palavras selecionado é um recorte da dissertação intitulada “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus: uma proposta de análise discursiva sobre a produção e efeitos de sentido das palavras em tempos de emergência sanitária”. Nossa análise busca compreender como se movimentam os sentidos entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e diferente, durante as condições de produção pandêmicas.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; Análise de Discurso; Vocabulário; Dicionário; covid-19; pandemia.

---

\* Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Estudos Linguísticos (UFSM/PPGL). Doutoranda em Estudos Linguísticos — Bolsista CAPES (UFSM/PPGL), Membro do PALLIND (Palavra, Língua e Discurso) e do Laboratório Corpus — Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem (UFSM). Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6051-3173>.

# Genocide and pandemic: a discursive analysis of the production and effects of meaning

## Abstract

This article aims to investigate the effects and production of meanings in the pair of words “genocide” and “pandemic”, taken from the Vocabulary of the new coronavirus pandemic, seeking to understand how these words are used in other linguistic instruments. To this end, we will mobilize the theoretical and methodological apparatus of French Discourse Analysis in its relations with the History of Linguistic Ideas. The selected word pair is an excerpt from the dissertation entitled “Vocabulary of the new coronavirus pandemic: a proposal for discursive analysis on the production and effects of meaning”. Our analysis seeks to understand how meanings move between paraphrase and polysemy, between the same and different as during pandemic production conditions.

Keywords: History of Linguistic Ideas; Discourse Analysis; Vocabulary; Dictionary; covid-19; pandemic.

Recebido em: 28/04/2024 / Aceito em: 23/10/2024

## Introduzindo a questão

Em fevereiro de 2020, quando a pandemia de covid-19 teve início no Brasil, um horizonte de caos surgiu rapidamente junto ao descontrole da doença que se deu nos meses adiante. Era preciso reagir, resistir, encontrar algo que pudesse unir os pesquisadores mesmo em meio ao distanciamento social, e mais do que isso, pudesse levar além dos portões da universidade o que nela é feito por professores e alunos. O *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* surge como um grande projeto que foi executado por 26 pesquisadores de diferentes instituições, que possuíam um mesmo propósito: divulgar informações de qualidade sobre as palavras relacionadas ao novo coronavírus que estiveram na mídia digital no período entre 2020 e 2023.

Partindo do que Pêcheux (2014) apresenta como as condições de produção (uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua), o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* também é uma forma de manter registrados alguns dos sentidos que circularam durante o período de pandêmico, colocando na história, ao menos uma parte das palavras que falamos, ouvimos e reproduzimos por um tempo considerável. O que está contido, nas sugestões de definição do *Vocabulário*, é o conjunto dos discursos possíveis que foi reunido pelos pesquisadores, o que buscaremos analisar através dos efeitos de sentido causados por determinadas condições de produção de emergência sanitária. Nosso trabalho será estruturado partindo das análises de pares de palavras que estão no *Vocabulário* em relação aos mesmos verbetes que estão postos em dicionários, buscando evidenciar possíveis rupturas, relações de afastamento ou continuidade nos sentidos postos para as palavras selecionadas para análise.

É necessário investigar as palavras que foram recorrentes na pandemia, a fim de divulgar como a produção de sentidos é afetada pelo momento histórico em que vivemos. As palavras passam por um constante processo de ressignificação, paráfrase, metáfora e sinonímia, sendo a presença da historicidade na língua (Orlandi, 2015), representando o dito de outro modo, ou até mesmo o não-dito. Recebemos da Universidade Federal de Santa Maria o acolhimento para que o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* fosse disponibilizado no site da instituição, na aba do “Observatório de informações da saúde”<sup>1</sup>, com o objetivo de apresentar os verbetes de fácil compreensão e, sobretudo, provenientes de fontes confiáveis. Isso foi crucial, pois durante a pandemia, surgiram muitas *fake news* sobre a covid-19, dificultando o combate à doença e também sua prevenção. Mediante isso, nossa principal questão de pesquisa a ser respondida é: como se dão as relações entre pares de verbetes contidos no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*? E como as condições de produção e efeitos de sentido durante a pandemia de covid-19 no Brasil afetam as relações de continuidade ou ruptura entre os sentidos postos para os verbetes selecionados? A análise objetiva mobilizar conceitos fundamentais da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas, e investigar os processos de produção e efeitos de sentido nos pares de palavras selecionados explicitando como os sentidos dessas palavras sofreram ou não alterações durante o período de covid-19.

---

<sup>1</sup> O “Observatório de informações da saúde” pode ser acessado através do link: <https://www.ufsm.br/coronavirus/observatorio>. Acesso em 22 de abril de 2024.

## 1 Nosso método de análise e perspectivas teóricas

É notório que Michel Pêcheux tem o mérito, historicamente reconhecido, de ser o fundador da Análise de Discurso, em sua forma acabada (Mazière, 2007; Maldidier, 2003; Petri, 2006). Essa teoria tem diretas relações com a teoria das ideologias, da história, do materialismo histórico com a Psicanálise e a Linguística, sendo classificada, por esse motivo como uma disciplina de entremeio. De acordo com Orlandi (2015), a Análise de Discurso realiza um recorte teórico, relacionando discurso e língua, uma vez que o discurso é visto condicionalmente às suas determinações históricas e aos equívocos.

Estamos interessados em apresentar a concepção de língua que guia nossas análises, resgatando o que é lembrado por Petri (2013, p. 33) “(...) a Análise de Discurso não aceita a concepção de língua como um sistema de regras formais, pois, a toma em seu funcionamento na produção do discurso, onde é possível observar as estreitas relações que ela mantém com o histórico e o social para significar”. Em outras palavras, a dicotomia da língua instaurada por Saussure, que trata a língua como um sistema, se diferencia do modo com o qual trataremos a língua nesse trabalho, uma vez que nos apoiamos no funcionamento da língua como discurso e não isoladamente. Desse modo, abordaremos a questão do discurso, que é, de acordo com Orlandi (2015), a palavra em movimento, é o lugar onde é possível compreender a língua fazendo sentido e, por isso, sendo parte do homem que fala e de sua história.

O entrelaçamento de língua, história e sujeito é o que constrói o discurso que analisamos pelo viés da AD francesa desenvolvida por Pêcheux, não há discurso na teoria em que

nos propomos a utilizar nessa análise sem considerar esses três elementos que, como um “nó”, se relacionam de forma inseparável. Podemos compreender a importância do discurso, trazendo uma definição do próprio Pêcheux (2015):

(...) todo discurso é índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo o modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto da identificação. (Pêcheux, 2015b, p. 56).

Compreendemos que o conceito de discurso que buscamos utilizar em nossa análise resulta das “agitações sócio-históricas” citadas por Pêcheux. Destacamos que, na AD, o discurso não é apenas uma forma de transmitir informação, mas, como elucida Orlandi (2015, p.30), o discurso é “efeito de sentido que ocorre entre os locutores”. Durante o desenvolvimento do *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, apresentamos sugestões de definição para palavras, no formato de verbetes, através da “escrita compartilhada” (Biazus, 2015), guiados pela “partilha do sensível” (Rancière, 2005).

(...) o dicionário compartilhado constitui-se de uma experiência sensível, marcada por uma emancipação estética, que permite ao sujeito ir além no seu estado de dominação, restituindo o caráter ativo do seu pensamento e sensível do seu corpo. É através da emancipação estética que o sujeito consegue descobrir novas formas de relação com a vida e com a sensibilidade. (Biazus, 2015, p. 81).

Partindo desse conceito de dicionário compartilhado, uma vez que o *Vocabulário* foi desenvolvido por muitas vozes de diferentes pesquisadores envolvidos no projeto, que estavam em uma condição de produção de pandemia, escrevendo sobre ela com base no que estava circulando na mídia. Ainda de acordo com Biazus (2015), o dicionário compartilhado é uma materialidade constituída de diferentes papéis sociais, fazendo-se política quando promove deslocamentos de sentidos e posições-sujeitos, a partir disso deixando um espaço para a metáfora, para outros modos do dizer que estão ligados ao modo que a ideologia age sobre os sujeitos.

Como já dito no presente texto, os verbetes contidos no *Vocabulário* foram desenvolvidos como “sugestões”, ou seja, partindo de recortes de matérias que estão em grandes *sites* de notícias, foram expostos os sentidos que mais circulavam durante o período pandêmico. Ressaltamos que os verbetes não têm a pretensão de abranger todos os sentidos que circularam durante a pandemia, mas aqueles sentidos que mais foram pontuados nesse período, partindo de uma interpretação das matérias abordadas. O trabalho de construção do *Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus* é amparado na Análise de Discurso juntamente com conceitos vindos da História das Ideias Linguísticas (HIL), com o objetivo de divulgação científica, para que durante e depois da pandemia, tanto a sociedade acadêmica quanto a comunidade em geral tenha acesso a esses verbetes.

Consideramos que, na contemporaneidade, devido às condições de produção em tempos de pandemia, há um movimento constante de (re)atualização dos sentidos das palavras no(s) discurso(s), principalmente, o midiático, que coloca em circulação notícias da/sobre a pandemia do novo coronavírus. Em

meio à produção dos verbetes, observando como as sugestões de definições eram estabelecidas relacionando diferentes sentidos, nos chamou a atenção como as condições de produção de alguns sentidos se destacou mediante os significados estabelecidos em outras épocas de nossa história. De acordo com Orlandi (2015):

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas, são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a sua exterioridade, suas condições de produção. (Orlandi, 2015, p.28).

Durante as análises que desenvolvemos nesse trabalho nos interessa a questão dos efeitos de sentido que são produzidos mediante determinadas condições de produção, buscamos seguir essas pistas deixadas nos dizeres para entender como funciona a relação de efeito de sentidos e a exterioridade. Diante disso, se faz necessário saber, o que são os efeitos de sentidos, contamos com o que nos apresenta Orlandi (2007):

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição de sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre os locutores (posições sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos mas se produzem com eles. (Orlandi, 2007, p. 21).

Com base no que institui Orlandi, podemos compreender que os sentidos são construídos através da interpelação dos sujeitos pela ideologia. Entendemos que a ideologia, de acordo

com Pêcheux (2014b) só existe pelo sujeito e para o sujeito, dessa forma todos os sujeitos são interpelados por ela, e é desse modo que a constituição de sentidos acaba por se unir a constituição do sujeito formulando diferentes sentidos para uma mesma palavra de acordo com sua relação com a exterioridade. Retornamos ao que ensina Pêcheux:

“(…) as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido na formação discursiva na qual são produzidas. (...) diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Pêcheux, 2014b, p. 147).

Só existe sentido nas palavras quando elas estão dentro de uma determinada formação discursiva que está inserida em uma formação ideológica, por exemplo, uma palavra utilizada com maior frequência durante a pandemia pode ter mais de um sentido dependendo de qual formação discursiva está inserida o sujeito que a citou. Portanto, através dos conceitos instituídos pela AD, como produção/efeito de sentidos, bem como suas condições de produção relacionadas à ideologia e às diferentes formações discursivas que constituem o intradiscurso, analisamos como os sentidos se diferenciam, se aproximam e, principalmente, como ressignificam na sociedade contemporânea que, mesmo depois de três anos, ainda vive os efeitos deixados por uma pandemia que causou a morte de milhares de pessoas em todos os estados do Brasil. Buscar a compreensão desses sentidos pertencentes ao momento histórico dado é também um lugar de resistência, com a finalidade de causar reflexão sobre tudo que vivemos nesse período.

É necessário também, apresentar o que compreendemos por “paráfrase” e “polissemia” no interior da Análise de Discurso. Segundo Orlandi (1998), paráfrase é o “retorno aos mesmos espaços do dizível”, ou seja, quando os sentidos se reproduzem independentemente do locutor e desse modo retomam aquilo que já está posto com outras palavras. Da mesma forma, Orlandi (1998), estabelece que a “polissemia” é quando “nas mesmas situações imediatas (locutores e situação) há, no entanto, um deslocamento, um deslizamento dos sentidos”, é quando outros sentidos surgem para além daqueles que já estavam estabelecidos.

Ao analisarmos os verbetes selecionados, buscamos compreender como se dá a produção de sentidos mediante as condições de produção pandêmicas em sua relação com a memória, se os sentidos serão os mesmos ou se sofreram alterações. Entendemos que é a relação das condições de produção com a memória que nos permite entender o funcionamento do mesmo e do diferente no interior de cada verbe, essa tensão que existe entre paráfrase e polissemia, como se dão os movimentos dos sentidos.

Considerando o que Malidier (2003) nos apresenta, é interessante pensar sobre como o discurso é concebido por Pêcheux. Nesse sentido, observamos o seguinte trecho:

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento. (Malidier, 2003, p. 15-16).

Sabemos que no campo dos estudos da AD de linha francesa, não há uma separação específica entre teoria e análise, porque é necessário um dispositivo de análise para cada pesquisa, não há um modelo universal que utilize todos os conceitos da AD e se aplique igualmente a qualquer objeto. Os conceitos escolhidos para serem trabalhados em uma determinada análise é que desenham qual contribuição científica será feita de acordo com o corpus de pesquisa delimitado pelo analista de discurso.

No capítulo de livro escrito por Petri (2013), pertencente à obra *Análise de Discurso em perspectiva* consta o desenvolvimento teórico sobre a questão do movimento que há nas análises pertinentes à AD, uma vez que não há como separar a questão teórica e analítica, desse modo, organiza-se a metodologia, através de idas e vindas entre teoria e análise. Segundo Petri (2013):

A Análise de Discurso, é bem verdade, não tem uma metodologia única e facilmente descritível, como as outras áreas mais formais da ciência linguística dizem ter; mas isso não significa não ter metodologia de análise, bem como não significa que qualquer um, sob um pretexto qualquer possa desenvolver um dispositivo teórico analítico em análise de discurso. (Petri, 2013, p. 41).

Compor um aparato metodológico e teórico-analítico, na área da Análise do Discurso, é levar em conta suas peculiaridades que estão relacionadas ao objeto selecionado para a pesquisa em questão. Nas palavras de Petri (2013), trabalhar com a AD é trabalhar com a incompletude e a contradição, sem oposições e exclusões, é compreender que não há como ter controle sob um todo e que haverá contradições em meio ao percurso de construção do dispositivo teórico-analítico. Ao nos utilizarmos da metáfora do pêndulo, admitimos que:

Instalado o gesto de ler do analista no interior da discursividade que deseja analisar, temos o pêndulo no ponto zero, e aí começa a movimentação. Por um instante, então, o analista suspende o pêndulo e, imediatamente depois, passa a acompanhá-lo nas idas e vindas da teoria para a análise, perpassando de diferentes maneiras os elementos constitutivos do *corpus*, com suas opacidades, suas resistências, com suas porosidades, com sua densidade, com sua incompletude constitutiva. É por tudo isso que o movimento é imperfeito, e, na maioria das vezes imprevisível também. (Petri, 2013, p. 47).

Ocupando nosso lugar como analistas de discurso, partimos desse ponto zero, é início de uma jornada com idas e vindas pelo percurso teórico analítico que nosso objeto de pesquisa exigirá. Nenhum trabalho de pesquisa tem em seu início uma estimativa de onde irá chegar, não há como esperar algo específico como resultado, uma vez que o percurso das análises não é linear, não é fácil de ser percorrido. Sempre teremos nosso ponto zero, mas o ponto de chegada sempre será imprevisível, em nosso caso, buscaremos mostrar se houve rupturas ou continuidades em determinados pares de palavras, mas não há como saber (pelo menos, não antes da análise) o que nos espera como resultado.

Durante o desenvolvimento da análise, começam a aparecer algumas respostas possíveis para o questionamento da pesquisa, que busca compreender a relação entre os pares de palavras contidos no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* e as condições de produção, assim como os efeitos de sentido durante a pandemia de covid-19 no Brasil. A partir do corpus escolhido, percebemos que tais pares de palavras não possuem sentidos estagnados, eles podem ser utilizados para diversas pesquisas, produzindo diferentes resultados. Isso evidencia a maleabilidade desses elementos no contexto da análise, cujos desdobramentos podem variar conforme o dispositivo analítico adotado.

Destacamos que a escolha dos pares de palavras seguiu critérios de duas ordens: o primeiro foi uma seleção por conveniência, tendo em vista que são palavras que nos tocam pessoalmente, trazendo à baila temas que nos são caros particularmente; o segundo critério visou estabelecer relações entre essas palavras, e permitir contrastes com definições de outros instrumentos linguísticos. Tais critérios devem permitir uma análise que destaque tanto a manutenção de sentidos já estabilizados quanto às mudanças efetivas em tempos pandêmicos. Os seguintes dicionários foram utilizados para nossa consulta:

- 1º - *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete* (3ª edição brasileira composta em 5 volumes por Hamílcar García, publicado em 1974).
- 2º - *Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda* (3ª edição – totalmente revisada e ampliada – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, publicado em 1999).
- 3º - *Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro, 1ed. Objetiva, publicado no ano de 2009).

Os dicionários foram selecionados pelo critério de acessibilidade, uma vez que são instrumentos linguísticos que estão disponíveis nas bibliotecas, desse modo tendo uma maior circulação. Os dicionários *Caldas Aulete*, *Aurélio* e *Houaiss* são bastante conhecidos, principalmente no âmbito universitário/escolar e seu fácil acesso os torna objetos discursivos que possuem um maior alcance.

Para atender o objetivo da pesquisa, que consiste em investigar os processos de produção e efeitos de sentido nos pares selecionados, evidenciando como o significado dessas palavras se alteraram (seja ruptura ou continuidade) nos tempos

de covid-19 em relação a outros instrumentos linguísticos e como esses processos aconteceram. Buscamos entender, ainda, como esses pares de palavras se relacionam entre si, se os sentidos construídos se entrelaçam, seja através de palavras ou de uma definição.

A escolha de trabalhar com pares de palavras é uma tentativa de demonstrar os movimentos de manutenção, deslocamento e ruptura ou de aproximação de sentidos entre as duas palavras em análise. Orlandi (2015) nos ensina que “a deriva, o deslize, é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras”, e é justamente isso que buscamos pesquisar colocando uma palavra mediante em outra de acordo com os pares. De fato, as palavras estão imbricadas em práticas sociais específicas, num tempo histórico único, sob determinadas condições de produção e não outras, tudo isso trabalha para a produção de sentidos, sempre levando em conta o que nos ensina Orlandi (2007): “o sentido sempre pode ser outro”.

## **2 Uma proposta de análise: o par de verbetes genocídio e pandemia**

O par de verbetes a ser analisado é constituído pelas palavras “genocídio” e “pandemia”. Nosso procedimento de análise, para esse par de verbetes e também para os demais, foi de analisar cada palavra separadamente, começando pelos dicionários, estabelecendo relações com o *Vocabulário*. Após analisar cada verbe, estabelecemos suas relações de semelhança, afastamento, continuidade. Cada recorte discursivo foi numerado de forma a dar sequência a análise dos pares selecionados, por isso os denominamos de “RD” e seu respectivo número. Por isso,

avancaremos para o *Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa* (1999), que nomeamos como RD1:

Genocídio [De gen(o)2 + Cídio.] S. m. Crime contra a humanidade, que consiste em, com o intuito de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, cometer contra ele qualquer dos atos seguintes: matar membros seus; causar-lhes grave lesões á integridade física ou mental; submeter o grupo a condições de vida capazes de o destruir fisicamente, no todo ou em parte; adotar medida que visem a evitar nascimentos no seio do grupo; realizar a transferência forçada de crianças de um grupo para outro: “Quantas esperanças fundaram os alemães nos gases asfixiantes e na guerra bacteriológica!...E os que mais protestavam contra esses nefandos genocídios herdaram a idéia e continuaram estudos de aperfeiçoamento dela”. (Fidelino de Figueiredo, *O medo da História*, p. 153-154.

**Fonte: Dicionário Novo Aurélio do Século XXI (1999).**

Começamos nossa análise pelo RD1, que foi retirado do *Dicionário Aurélio*, uma vez que o verbete “genocídio” não consta no *Dicionário Caldas Aulete*. Em RD1, encontramos a definição de “genocídio” como: “Crime contra a humanidade”, seguida por condições que mostram os elementos que caracterizam um genocídio. Chama nossa atenção, o exemplo utilizado no verbete, referindo-se aos alemães e aos “gases asfixiantes”, evocando a memória do genocídio judeu durante a Segunda Guerra Mundial. Esse exemplo resgata a conexão histórica da palavra “genocídio” com o massacre perpetrado pelos alemães contra os judeus, um grupo étnico-religioso, ou seja, podemos notar o funcionamento de uma memória discursiva.

Compreendendo como a definição de genocídio foi articulada no *Dicionário Aurélio*, passamos para o nosso segundo recorte, no *Dicionário Houaiss* (2009), que denominamos RD2:

Genocídio s. m. 1. Extermínio deliberado, parcial ou total de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso (o g. De judeus na Segunda Guerra Mundial) 2. P. ext. destruição de populações ou povos (uma guerra nuclear resultaria num verdadeiro genocídio) 3. Aniquilação de grupos humanos, o qual sem chegar ao assassinio em massa, inclui outras formas de extermínio como a prevenção de nascimentos, o sequestro sistemático de crianças dentro de um determinado grupo étnico, a submissão a condições insuportáveis de vida, etc.

**Fonte: Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa (2009).**

Nosso RD2 está posto no *Dicionário Houaiss*, e é possível notarmos uma diferença significativa em relação à RD1, na primeira definição que é o exemplo colocado: “o g. De judeus na Segunda Guerra Mundial”. Aqui, o Holocausto é mencionado explicitamente como um genocídio, diferenciando-se do que vimos em RD1, em que esse acontecimento histórico aparece de forma implícita, no qual é preciso colocar a memória em funcionamento para entender o exemplo que ali está posto. Segundo Nunes (2006), o dicionário “tem uma história, constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos”, e podemos observar essa construção e atualização de uma memória no verbete “genocídio” que está no *Dicionário Houaiss*. A definição retoma a memória do Holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial, mas apresenta novas formas nas quais a palavra genocídio é posta em funcionamento, como “destruição de populações”, “prevenção de nascimentos” ou “submissão a condições insuportáveis de vida”.

Entendemos, de acordo com Pêcheux (1999), que a repetição encontrada em RD1 e RD2 nas definições de genocídio, tais como “Crime contra a humanidade” e “extermínio deliberado”, está relacionada implicitamente ou diretamente ao Holocausto judeu na Segunda Guerra. Essa repetição colabora para a estabilização do sentido de genocídio associado a guerras e

a uma comunidade étnica específica. Ao compreendermos essa memória do genocídio judaico expressa em RD1 e RD2, propomos agora acompanhar a definição de “genocídio” no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*<sup>2</sup> (RD3):

**Genocídio** é uma palavra utilizada, nas atuais condições brasileiras de enfrentamento da pandemia, para representar o extermínio, sobretudo dos grupos minoritários, que são afetados pelo novo coronavírus. Representa a morte em massa e, com isso, a extinção do corpo e o apagamento dos sujeitos. O genocídio é considerado um crime contra a humanidade, justamente por compreender a morte completa ou parcial de determinados grupos e, por isso, é assim definido após os crimes serem julgados, o que ocorre por meio da Corte Penal Internacional (Tribunal Internacional de Justiça), localizada na cidade de Haia, nos Países Baixos (Brasil Escola). Especificamente, genocídio pode representar as mortes em excesso, em função dos altos índices de contaminação pelo novo coronavírus, ocasionados pela exposição a determinadas situações, sobretudo de vulnerabilidade. **Exemplo:** “Governos ignoram o genocídio praticado no transporte público” (R7).

**Fonte: Vocabulário da pandemia do novo coronavírus (2024).**

No *Vocabulário*, está o RD3, constatamos que nenhuma das definições aponta o genocídio relacionado a guerras, se afastando desse sentido exposto em RD1 e RD2. Todavia, no início do verbete, a definição para genocídio é “uma palavra utilizada nas atuais condições brasileiras de enfrentamento da pandemia, para representar o extermínio, sobretudo dos grupos minoritários, que são afetados pelo novo coronavírus.”, nos guiando a pensar no deslizamento desse sentido durante o uso dessa palavra durante a pandemia de covid-19. Apesar da presença da palavra “extermínio”, que também aparece em RD2, esse extermínio é causado pelo coronavírus, que no Brasil se espalhou deliberadamente devido à falta de isolamento e de medidas governamentais para conter a contaminação.

---

<sup>2</sup> Os verbetes do Vocabulário serão apresentados parcialmente, devido a sua extensão. A íntegra dos verbetes pode ser acessada através do endereço eletrônico que consta nas referências bibliográficas.

O descaso durante a pandemia, unido ao descumprimento das medidas que determinavam a OMS, autoridade no assunto, nos leva a compreender uma das definições que encontramos no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*, que nos mostra, como esse sentido de genocídio circulou em tempos pandêmicos: “Genocídio é uma palavra utilizada para representar a consequência da falta de planejamento do governo nas estratégias que visam à vacinação massiva da população, no intuito de diminuir, concomitantemente, a contaminação, a internação e as mortes em função do novo coronavírus”.

Nos recortes RD1 e RD2, percebemos o sentido de extermínio de um povo estabilizado para “genocídio”. Os exemplos fornecidos sugerem que esse conceito é comumente aplicado em contextos de conflitos armados e guerras. Mas, a situação que testemunhamos no Brasil não se relaciona com esse tipo de conflito. Surgem certas estranhezas ao falarmos de um genocídio que não está diretamente relacionado a grandes guerras, ainda que esse sentido tenha circulado em matérias, jornais e na TV durante a pandemia. A aceitação desse termo ainda encontra resistência.

A definição de genocídio apresentada por Lemkin (1944) “destruição de uma nação ou de um grupo étnico” se assemelha àquela encontrada nos dicionários RD1 e RD2, nos lembrando novamente dos sentidos relacionados ao extermínio. Mas, destacamos um trecho da definição de Lemkin que descreve o genocídio como algo que busca “exprimir um plano coordenado de diferentes ações que convergem à destruição de alicerces essenciais da vida de grupos nacionais, com o objetivo de eliminar os próprios grupos”. Esse trecho nos faz pensar no que está posto no *Vocabulário*: “A gestão ineficaz das medidas que

barram o contágio do novo coronavírus tem exposto milhões de brasileiros ao adoecimento e/ou à morte em decorrência das complicações geradas pela doença”. Durante a pandemia, a gestão ineficaz do governo é considerada como um plano coordenado para destruir esses alicerces essenciais da vida em um determinado grupo.

Assim, entendemos que há um imaginário em funcionamento associado à palavra genocídio, produzindo esse sentido no qual ele só aconteceria em momentos históricos como em uma guerra. Isso causa determinada resistência para aceitar a palavra em outras condições de produção do discurso, como a pandemia de covid-19, por exemplo. Todavia, se levarmos em conta as definições de genocídio que estão presentes em RD1, RD2 e RD3, compreendemos que existem parâmetros que caracterizam um genocídio, e é através deles que a história poderá comprovar o genocídio que acometeu o Brasil entre os anos de 2020 e de 2023.

O segundo verbete que compõe o par com “genocídio”, é “pandemia”, palavra importante que foi repetida milhões de vezes nos três últimos anos, utilizada para nomear a situação de emergência sanitária que passamos. É devido a isso que surge o interesse sobre a palavra “pandemia”, e o que está posto sobre ela nos dicionários e também no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*. Passamos então, para o que está posto no dicionário *Caldas Aulete (1974)*, que nessa seção, chamamos de RD4:

PANDEMIA, s.f doença que ataca muitos indivíduos na mesma ou em diversas localidades: A tenebrosa pandemia da influenza que por todo mundo dizimou com espanto. (Ric Jorge, Serm. De um leigo, p. 296, ed. 1925)    F. Gr. Pan (todo) + ia.
---

**Fonte: Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa  
Caldas Aulete (1974).**

Então, nosso RD4, o verbete “pandemia”, está posto no *Dicionário Caldas Aulete*, com a definição de “doença que ataca muitos indivíduos na mesma ou em diversas localidades”, nos apresentando como exemplo um trecho retirado de uma obra literária que cita o vírus “influenza”. O exemplo apresentado na definição, apesar de ser um trecho de uma obra literária, traz um elemento que esteve também fora da narrativa literária, no caso a “influenza”. O que devemos reter é que a “pandemia” está diretamente associada a uma doença que pode se espalhar por uma ou demais regiões. O fato da palavra “doença” estar na definição, leva-nos a compreender que, independentemente do vírus ou da doença em questão, ela adquire a característica de pandemia quando atinge muitos sujeitos. Guardamos essa definição e, dessa forma, passamos para nosso RD5, retirado do *Novo Aurélio do Século XXI – Dicionário de Língua Portuguesa (1999)*:

Pandemia [Do Gr. Pandemía] S. f. Med. Doença epidêmica amplamente difundida.
--

**Fonte: Dicionário Novo Aurélio do Século XXI (1999).**

Já o RD5, no *Dicionário Aurélio*, encontramos a definição de pandemia como: doença epidêmica amplamente difundida. E é possível notar uma sutil mudança de vocabulário entre RD4 e RD5, uma vez que o primeiro nos apresenta a pandemia como uma doença que se espalha por diversas localidades, e nos traz um exemplo de uso da palavra. O RD5 contém esse significado “restrito” a área médica quando indica a abreviação “med” logo no início do verbete, junto a palavras que estão ligadas a essa área específica, como “epidêmica”. Ao indicar uma área específica na definição do verbete, temos essa tentativa de

controlar os sentidos, uma vez que somos guiados a realizar a leitura do significado da palavra estando restrito a área que está posta. Seguimos para o nosso RD6, que é o recorte do verbete “pandemia” retirado do *Dicionário Houaiss* (2009):

Pandemia s. f. MED enfermidade epidêmica amplamente disseminada. ETIM gr. Pandemía/as ‘o povo inteiro’. Ver sinonímia de epidemia.
---

**Fonte: Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa (2009).**

Em RD6 no *Dicionário Houaiss*, há no início da definição a indicação da área médica, mais uma vez sugerindo, que a palavra “pandemia” é utilizada nesse meio, limitando seus sentidos a esse âmbito específico. É apenas em RD4 não há nenhuma indicação de área ou especialidade, mas as definições postas nos três dicionários assemelham-se através de sinônimos utilizados pelos lexicógrafos responsáveis por cada objeto discursivo que tratamos na presente dissertação. Mesmo com palavras diferentes, RD4, RD5 e RD6 definem pandemia como uma doença/enfermidade que é disseminada em grande escala. Todas as definições são apresentadas de forma sucinta, e algumas delas, como vemos em RD5 e RD6, sequer incluem exemplos. No verbete “pandemia” nos três dicionários, essa “rede de memória” da língua, em RD4 com o exemplo (influenza) e em RD5 e RD6 com essa tentativa de estabilização do sentido usado na área médica, dando aos leitores do dicionário essa ilusão de completude dos sentidos.

Orlandi nos ensina que “a lexicografia discursiva vê nos dicionários, discursos. (...) na escuta própria a análise de discurso, podemos ler os dicionários como processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória da língua” (2002, p. 103), vemos no verbete “pandemia” nos três dicionários, essa

“rede de memória” da língua, em RD4 com o exemplo (influenza) e em RD5 e RD6 com essa tentativa de estabilização do sentido usado na área médica, dando aos leitores do dicionário essa ilusão de completude dos sentidos. O fato de que em RD5 e RD6 não há menção a nenhuma doença específica torna possível a interpretação de que qualquer doença contagiosa pode se tornar a causa de uma pandemia. Seguindo nossa análise, vejamos o que está posto no *Vocabulário da Pandemia do novo coronavírus*, nosso RD7:

**Pandemia** é causada por uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente entre a população mundial. **Exemplo:** “A OMS tem tratado da disseminação em uma escala de tempo muito curta, e estamos muito preocupados com os níveis alarmantes de contaminação. Por essa razão, consideramos que o Covid-19 pode ser caracterizado como uma pandemia” (Fiocruz). Uma pandemia e uma epidemia têm a mesma origem, o que muda é a escala da disseminação da doença.

**Fonte: Vocabulário da pandemia do novo coronavírus (2024).**

Na definição de pandemia que consta no *Vocabulário*, podemos encontrar uma abordagem diferente para o significado dessa palavra. Nos recortes do verbete nos dicionários, encontramos a definição da palavra de forma sucinta, ao que no vocabulário, a definição da mesma palavra é elaborada de modo descritivo, citando também as maneiras que podem ser usadas para conter o vírus, as consequências causadas por ele. Orlandi (1989, p. 116) nos ensina que a definição descritiva é fruto da “construção e uma relação de interlocução, regulada e objetivada pela situação discursiva a qual se produz”. Ou seja, a descrição que compõe a definição não é arbitrária, ela é afetada também pelas condições de produção do discurso.

No *Vocabulário*, nosso RD7, a definição retoma o que está posto em RD4, RD5 e RD6, destacando a relação direta

que há entre pandemia e doenças contagiosas, nos indicando novamente sobre a estabilização desse sentido. A origem da palavra também é vista em RD7, assim como em RD4 e RD6, que nos mostra que “pandemia” tem origem etimológica no Latim, significando “o povo todo/o povo inteiro”. Os dicionários que trabalhamos que não são de especialidade trazem os significados de pandemia de forma generalizada, já no *Vocabulário* temático que abordamos esses significados, as definições que abrangem possíveis soluções para a pandemia como podemos ver em: “A pandemia causada pela covid-19 pode ser controlada com a aplicação da vacina na população e, também, com medidas de distanciamento social, uso de máscara, cuidados de higiene, evitando aglomeração etc.”, que nos mostra quais eram os métodos que auxiliariam no controle da doença.

Nos dicionários, podemos observar as menções à palavra “epidemia” (em RD4, RD5, e RD6), mas não se estabelece uma diferença entre ela e “pandemia”. Já no *Vocabulário*, a definição mostra o que diferencia uma pandemia de uma epidemia, como podemos acompanhar a seguir: “Uma pandemia e uma epidemia têm a mesma origem, o que muda é a escala da disseminação da doença.”, ou seja, nos dicionários é possível entender que os sentidos de pandemia e epidemia são tênues, mas que em tempos de covid-19, essas palavras se distanciaram, de modo a assumir diferentes significados, sendo pandemia uma contaminação em grande escala, e a epidemia uma contaminação considerada menor. A definição de pandemia que se diferencia de epidemia faz parte de uma “atualização, a textualização da memória” (Orlandi, 2022, p. 21), uma vez que durante o período pandêmico havia muitas dúvidas sobre qual palavra deveria ser usada para nomear o momento que vivemos, ainda que a OMS tenha

estabelecido como “pandemia”. Ou seja, a palavra epidemia já não é vista como sinônimo, e sim como uma parte do processo que resulta em uma pandemia. Nos dicionários, vemos uma generalização que pode abranger todas as pandemias, gerando uma evidência de sentido, que nada mais é do que um efeito ideológico (Orlandi, 2015, p. 43), ao passo que no vocabulário, as definições atestam as condições de produção em que foram escritas, mostrando o encontro entre a memória e a atualidade.

### **3 Entre a pandemia e o genocídio: estabelecendo relações**

Entendemos que os verbetes “genocídio” e “pandemia” assumiram definições que se aproximam e se afastam do que encontramos nos dicionários durante a pandemia do novo coronavírus, abrindo caminho para outros sentidos estritamente relacionados às condições de produção pandêmicas fizeram que fosse possível que o discurso sobre essas palavras fossem um e não outro.

Nos dicionários, o verbe “genocídio” é definido como “crime contra a humanidade (...) com o intuito de destruir” (RD4) e “extermínio deliberado, parcial ou total de uma comunidade” (RD5). Ambas as definições estão implicitamente e explicitamente ligadas, respectivamente, ao Holocausto e também a guerras em geral. É possível perceber que essa palavra está associada a uma rede de memória que remete ao Holocausto, à Segunda Guerra Mundial e também à extinção de povos minoritários.

Todavia, durante a pandemia a palavra “genocídio” passou a ser usada em outro contexto, que não estava relacionado a uma guerra, mas sim à negligência por parte dos representantes do

Governo Federal Brasileiro. Os sentidos que se associaram a esse verbete durante o período pandêmico aproximam-se dos que encontrados em RD4 e RD5 no que se refere ao extermínio e ao crime contra a humanidade, mas se afastam quando o contexto não é de guerra, e sim de uma crise sanitária, de uma pandemia.

O movimento das filiações históricas (Pêcheux, 2014) relacionadas à palavra “genocídio”, aliado às condições de produção, permitiu o afastamento dessa palavra do contexto de guerra, aproximando-a de uma emergência sanitária. Lembramos que, embora o genocídio esteja relacionado à pandemia, não foi a pandemia que causou um genocídio, assim como não foi a guerra que causou o Holocausto, há um agente maior. No caso da pandemia, foi a sua má gestão por conta do Governo Federal que causou a morte em massa, principalmente das classes e etnias menos favorecidas.

No *Vocabulário*, “pandemia” não é somente “causada por uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente entre a população mundial”, ela também é vista como uma causadora de “prejuízos que vai além dos problemas de/na saúde, já que a partir dela se destacam as diferenças sociais e econômicas da sociedade”. Ou seja, a pandemia além de causar mortes pelo vírus, também atinge em maior ou menor medida as diferenças sociais e econômicas, ampliando seus efeitos para além daqueles que foram contaminados.

Enquanto nos dicionários encontramos processos de paráfrase, no *Vocabulário* observamos o funcionamento da polissemia, tanto em “genocídio” como em “pandemia”. Segundo Orlandi (2015) o “jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. No *Vocabulário* o movimento, “palavra-puxa-palavra” (Silva, 2003; Petri, 2018) faz com que se estabeleçam relações entre palavras que podem

estar próximas uma da outra, auxiliando na compreensão do que está posto, guiando para outras palavras do mesmo “sítio significante pandêmico”. O efeito “palavra-puxa-palavra” movimentou os sentidos no interior dos verbetes no *Vocabulário*, em certa medida, retomando e rompendo com sentidos que já circularam pelos dicionários.

#### 4 Considerações finais sobre a análise

Dessa forma, constatamos um entrelaçamento entre as palavras “genocídio” e “pandemia”, uma vez que os sentidos atribuídos a elas durante o período de 2020 até 2023 as torna indissociáveis. O descaso com a pandemia no Brasil teve como consequência muitas mortes, levou milhares de vidas, o que pode vir a se caracterizar como um extermínio perante a história. A omissão por parte do Governo Federal permitiu que o número de mortos fosse tão alto como conhecemos, nos levando a pensar em como as condições de produção levaram os sentidos da palavra “genocídio” a se afastar da questão da “guerra” e se aproximar de uma “emergência sanitária”, uma “pandemia” que se caracterizou para além de uma doença de alto contágio.

As condições de produção de emergência sanitária tornaram possíveis outros sentidos, que sinalizam para uma memória da pandemia. Segundo Petri (2008):

Assim, o dicionário, ao ser tomado como tecnologia a serviço da língua e como objeto discursivo da maior importância, passa a revelar outros efeitos de sentidos, extrapolando o uso comum que dele se faz e revelando a excelência de seu papel também na constituição/instituição de uma memória. (Petri, 2008, p. 241).

As palavras do par selecionado e analisado se entrelaçam, seus sentidos estão em contato, seja por meio de uma palavra, ou da definição estabelecida no *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*. As condições de produção de emergência sanitária tornaram possíveis outros sentidos, que sinalizam para uma memória da pandemia. Os efeitos e a produção de sentidos circulantes durante a pandemia também são parte de uma memória que estará para sempre guardada, não somente nos verbetes apresentados, mas em todos que compõem o *Vocabulário*.

## Referências

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa*. São Paulo. Editora Delta, 1974.

BIAZUS, Camila Baldicera. *Dicionário compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade* – 2015, 294 p. Orientadora: Verli Petri da Silveira. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de pós-graduação em letras.

FERREIRA, Aurélio Buarque Hollanda de. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Houaiss dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEMKIN, Raphael. *Axis rule in occupied Europe: laws of occupation, analysis of government, proposals for redress*. Washington: Carnegie Endowment for International Peace, 1944.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do Discurso. (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes 2003.

MAZIÈRE, Francine. *Análise do Discurso: História e Práticas*. Tradução de Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil*. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi – 7ª ed. Campinas, SP, Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* / orgs: F. Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariane [et al] – 5º Ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: *Papel da memória*, Pierre Achard et al. Tradução e introdução de José Horta Nunes — Campinas, SP: Pontes, 1999. P. 49-56.

PETRI, Verli. “Algumas reflexões sobre o “Vocabulário da Pandemia do Novo Coronavírus”: projeto em curso e discurso. In: *Ditos e Não-Ditos: discursos da, na e sobre a pandemia* / Organizadores: Verli Petri et al, 1. ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2021

PETRI, Verli et al. *Dicionários em análise: Palavra, Língua e Discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Revista Conexão Letras*, [S. l.], v. 13, n. 19, 2018. DOI: 10.22456/2594-8962.85032. Disponível

em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em: 8 de março de 2024.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio as análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de discurso. IN: PETRI, VERLI; DIAS, Cristiane (org.). *Análise de Discurso em Perspectiva: Teoria, método e análise*. Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2013.

PETRI, Verli. *A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do gaúcho*. Rev. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 227–243, jul./dez. 2008.

PETRI, Verli. *Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60*. Expressão - Revista do Centro de Artes e Letras. Jul – Dez 2006, p. 187-192.

ORLANDI, Eni. *Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. RUA, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 9–20, 2015 (1998). DOI: 10.20396/rua.v4i1.8640626. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626> Acesso em: 3 de janeiro de 2024.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 42 ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios & procedimentos*. 12 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 5ªed. Campinas, SP: Pontes editores, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível; estética e política* / Tradução de Mônica Costa Neto – São Paulo : EXO Experimental, ed. 34, 2005.

SILVA, M. V. *Instrumentos linguísticos: língua e memória*. Revista Letras. Santa Maria: UFSM/PPGL, n. 27, 2003, p. 109-116.

## Verbetes

GENOCÍDIO. *In: Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.* Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em 23/10/2024.

PANDEMIA. *In: Vocabulário da pandemia do novo coronavírus.* Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em 23/10/2024.